

A arte de Olimpio Franco, aos 25 anos de idade

Guido Arturo Palomba

Este nome forte, Olimpio Franco, de ilustre família de juristas, Pinheiro Franco, é do filho do "ovelha negra" (porque em vez de versado na ciência do Direito é médico, aliás ilustríssimo Acadêmico da Academia de Medicina de São Paulo), o neurocirurgião Luiz Fernando Pinheiro Franco, tem grande possibilidade de não ser apenas, como já não é, mais um nome entre tantos artistas plásticos brasileiros, cujas obras, daqui a trinta, quarenta anos, não terão mais valor do que o pouco que têm os quadros expostos em feirinhas de arte dos sábados e dos domingos em São Paulo. Por quê? Olimpio Franco, quando inscreveu-se para expor na Associação Paulista de Medicina, disse, de forma convincente: "eu não serei apenas mais um no meio de muitos", o que, de saída, impressionou pela firmeza de propósitos. Examinadas as suas obras, observado o seu *curriculum vitae*, sopesados os dados em face aos seus vinte e cinco anos de idade, ao final recebeu a aprovação do curador da Pinacoteca da APM, o ilustre cirurgião plástico e renomado artista plástico (participou de sete Bienais Internacionais brasileiras, entre outros méritos) Aldir Mendes de Souza. Assim, Olimpio Franco estará expondo na sede da Associação Paulista de Medicina, entre os dias 12 de setembro e 11 de outubro deste ano.

Sua arte, até este momento dado da sua biografia, é a abstrata, com qualidade. Que é o abstracionismo se não a derubada completa da estética clássica? Se isso é verdade o critério supremo do artístico abstrato é passar da obediência às formas à desobediência. Dessa maneira, a qualidade do abstracionismo de Olimpio Franco reside em o artista representar, nas formas desobedientes, a elevada harmonia no sentido de expressar, pic-



toricamente, o gozo e ou a dor do momento de sua produção, o que provoca, no observador, um choque, quer no apreciar das cores pura e simplesmente, quer na observação das combinações do aleatório ou do procurado, ou também um choque a estimular o pensamento, em miríades de possibilidades, como os borões de Rorschach.

Olimpio Franco, além dos acrílicos sobre tela, trabalha muito com assemblage, cuja técnica quer trazer, vigorosamente, para o Brasil, sempre para causar impacto no espectador, desde que este compreenda a sua mensagem fulminante, direta, realista, às vezes cruel, deste mundo em que vivemos.

Luiz Olimpio Pinheiro Franco foi educado pela Academia Brasileira de Artes, em cuja instituição formou-se em Artes Plásticas. Seu *curriculum* registra várias exposições individuais e coletivas, com três medalhas de bronze, duas de prata, uma de ouro e duas menções honrosas, aqui no Brasil. No exterior expôs em Foire de Caen

(França), no Museu Nazionale Di Villa Q'Este (Roma), no Gran Salón Real de Madrid (Espanha), no Grande Salão Luso-Brasileiro (Portugal) e no Jacob K. Javits Convention Center (Nova York). Participou também da III Mostra Mundial Artuel Euro-Árabe de Artes Plásticas (Líbano) e do Salon International D'Art Contemporain - L'Union Européenne (Beyrouth), amealhando alguns prêmios, entre eles uma medalha de ouro em Portugal, outra em Nova York e uma medalha de bronze em Madrid.

Sua arte vem sendo dia a dia mais e mais comentada e hoje já participa de vários anuários e catálogos nacionais e internacionais importantes, e como prêmio e reconhecimento às suas criações acaba de ser indicado pela Galeria Spazio Surreale, para representar o Brasil na Bienal de Roma, nos próximos meses de janeiro e fevereiro (2002).

Parabéns Olimpio Franco.

Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da APM

Ajuda Inesperada

José Carlos Pereira Jr.

Aos poucos, os olhos se acomodando à Lua fraca que vazava das frestas da veneziana, Matheus pôde reconhecer as formas e contornos de seu quarto. Mais uma noite acordava de madrugada, não dormiria mais até o primeiro Sol..., outro dia estafado... aguardando outra noite, outro acordar... Não usaria o tempo insone à procura de uma solução, não a encontrara nas madrugadas anteriores, seria inútil. Apenas esperaria pelo novo dia, tentando pelo menos não se angustiar. Contudo, a lembrança da conversa que tivera com Cristiane prometia aflitiva a espera da manhã seguinte.

Cristiane ressonava suavemente, musicalmente; sempre teve sono fácil, de criança, e não era diferente nesses momentos críticos, dormia macio, estiradinha. Matheus observou o bom gosto da camisola, caindo-lhe bem no tom róseo da pele. Achava linda a Cristiane, dezoito anos casados e ainda a via como a jovem magrinha, olhar travesso, pouco mais que uma adolescente, entrando na igreja ao braço do velho dentista Pacheco. Ao recebê-la do pai, antes mesmo de o padre os abençoar, já tivera ímpetos de cobri-la de beijos, fugir com ela dali, ficar com ela só, para o resto da vida. Amava-a agora como no primeiro dia em que a conheceu, em um baile do Grêmio Recreativo, quando, ao tirá-la para dançar, ela exitou, deixando-o agoniado, até que, ao estender-lhe a mão, colocou-o em um encantamento.

Consultou o relógio, três e cinco da madrugada, longa a espera do dia seguinte, se ao menos pudesse se alcançar à mulher, dar-lhe beijos, recebê-los de volta... Mas ela o rejeitaria,



como acontecia desde que a crise se agravara e mais agora, após as graves decisões que teve de tomar.

O diálogo com Cristiane e a filha fora muito penoso. Ana Luisa chorou muito; doeu-lhe o choro da filha, aumentou-lhe a impressão de estar à deriva, sua família à mercê da sorte. Inquieto, não conseguindo ficar ao lado da mulher apenas percebendo-lhe a silhueta, levantou-se, cauteloso para não fazer ruídos, acordar as "mulheres da minha vida". No corredor, passou pelo primeiro quarto, também a garota, quinze anos mês que vem, ressonava mansinho, nem parecia que antes havia se debulhado em lágrimas. No segundo, entrou, fechou a porta, acendeu a luz, ofuscou-se temporariamente, olhou a cama do filho, vazia ao canto. Apertou-se o coração no peito, mas conteve o choro, era firme sua crença em que Matheus Junior se recuperaria. Mais quatro meses na clínica e o jovem estará livre das drogas, dissera o médico. Mas,

e o dinheiro da clínica? ele se perguntou. Saiu rápido do quarto do filho, mais alguns instantes lá e gritaria.

Pegou, do bolso da camisa, o extrato bancário que tirara durante o dia e foi sentar-se na cadeira à mesa da copa: doze mil reais, era a poupança que restava. Pelos gastos que tinham, em três meses estariam inadimplentes. Foi isso que dissera à esposa e filha, ao jantarem: se gastassem mil e quinhentos por mês, teriam ainda oito meses para ele arrumar um novo emprego e então não precisariam vender a casa. Ela respondeu que para um Auditor com a experiência dele, fluente em inglês, quatorze meses já era tempo suficiente pra arrumar serviço, não sabia porque ele demorava tanto pra se colocar. A insinuação de que não se esforçava era injusta, pensava ele... dezenas de currículos, entrevistas, entretanto, aos quarenta e seis anos era difícil. Amava a esposa, mas tinha brios e era lúcido, teriam que conter despesas, disse com firmeza.

Passei na Márcia e paguei sua última conta lá, não quero que você vá mais ao salão, disse ele, também vamos despedir a cozinheira e a faxineira. Tudo isso porque você foi ser fiador do seu irmão, disse ela, a indenização que você recebeu era mais do que suficiente pra gente viver vários anos, eu falei que seu irmão não merecia confiança, você não me escutou e agora nem fazer meu cabelo posso mais. Ele deu azar, é meu irmão, não podia negar, disse ele, e agora já foi, não quero continuar pensando nisso que vou ficar louco; e também vamos vender um telefone, diminuir supermercado, cortar a Internet, TV a cabo... A Internet e a TV? perguntou

Achava linda a Cristiane, dezoito anos casados e ainda a via como a jovem magrinha, olhar travesso, pouco mais que uma adolescente, entrando na igreja ao braço do velho dentista Pacheco. Ao recebê-la do pai, tivera ímpetos de cobri-la de beijos...

Ana Luisa, já úmidos os olhos, como vou me comunicar com meus amigos? Querida, respondeu ele, estamos em má situação, enfrentamos ou sucumbimos, e você não vai mais à Disneylândia, não temos condição, temos que pagar a Clínica do Júnior.

O desespero, revolta, das duas, ao dizer

que Ana Luisa não iria mais viajar ficavam lhe martelando o espírito. Parecia ainda ver, na cadeira à sua frente, Ana Luisa dobrando os braços sobre a mesa, vergando neles a cabeça, chorando convulsivamente. De onde estava era difícil demais parar de lembrar aquela cena angustiante... levantou-se.

Na saleta ao lado do seu quarto, abriu o cofre, viu as jóias da Cristiane, será que alguma hora teriam que se desfazer delas por comida? perguntou-se aflito. Pegou sua apólice do seguro de vida, conseguira até agora pagar o prêmio, mas iria ter que parar... Embaixo, embrulhado em

uma flanela, o revólver calibre 32. Veio-lhe uma idéia medonha: um tiro no coração e tudo se resolveria. Descartou a hipótese, acabrunhou-se, suicídio não era coberto pelo seguro. Fechou o cofre com força que quase acordou a mulher. Resolveu dar uma volta, quem sabe o ar frio da noite de junho o ajudasse a pensar.

Trocou de roupa, pôs um paletó quente, ficou folgado, emagrecera. Saiu, postou-se na calçada oposta à da casa, observou-a, era imponente, valia bastante, o bairro era ótimo. Angustiou-se com a hipótese de vendê-la, virou-se rápido, caminharia ao acaso, titubeou, quis voltar, parecia-lhe estar abandonando a família; mas não havia perigo, as portas eram sólidas, e tinha o Bimbo, era um bom guarda... mais uma tristeza, a ração do Bimbo... pesava no orçamento.

Caminhou lento quatro quadras, desertas as calçadas; deixou o elegante Jardim Planalto, na rua seguinte três lâmpadas da iluminação pública estavam apagadas, o escuro maior ali infundiu-lhe um temor de alguma coisa, mas do quê? Nunca fora medroso, seria por que muitos marginais de São Paulo vinham a Itajana? Pelas notícias dos jornais? Olhou por todo o redor, ninguém à vista, sentiu aumentar o frio, abotoou a gola da camisa, resolveu andar rápido, diminuiria o frio e pareceria determinado.

Deixou o local não iluminado, sentiu-se melhor, simplesmente o medo instintivo da escuridão, todos têm, atávico, dos tempos primitivos em que o homem, disputando com as feras, inferiorizava-se na noite.

Alcançou a Vieira Gandra, discreto e longo declive; já estava longe de casa, mas andar distanciava a tristeza, continuaria até cansar-se bastante. Olhou para o alto, uma abertura nas nuvens permitiu que visse um trecho do céu estrelado. Terna lembrança veio-lhe à memória: bem naquele começo da Vieira Gandra, uma noite fria como aquela, há quase quarenta anos, ele, orgulhoso porque vestia uma reluzente capa nova (é de xantungue, dissera a mãe), descia a rua à mão do pai, acreditando que

todos olhavam para sua capa. O pai, apontando para o céu, disse, sabe filho, se as nuvens vão embora fica bonito, fica estrelado, faz mais frio, pode vir geada...

A recordação suavizou-lhe quaisquer receios que ainda tinha da noite, o andar tornou-se vigoroso, passou a raciocinar como agiria, atenuaria em sua família as dificuldades por que teriam de passar. Ainda hoje visitaria o Júnior, iria dar-lhe apoio, dizer que confiava nele.

Atravessou o cruzamento com a Marechal Deodoro e, inopinadamente, tomaram-lhe a frente dois jovens. Nem de pouco os notara, apareceram do nada. Portavam armas, anunciaram assalto; devia entregar tudo, cartão de banco, dinheiro; que não corresse, não gritasse, ou atirariam. Mathheus começou pordar-lhes a carteira, a seguir o relógio, não se sentia intimidado, disse apenas para terem calma, tinha família, precisava cuidar dela. De súbito, um heureka ecoou em sua cabeça, e, paradoxalmente

à tranquilidade que manifestava, arrebatou o relógio da mão de um, ofendeu a mãe de ambos, virou-se e correu. Deu dois passos, escutou dois estampidos, depois mais nada, caiu morto.

O jornal de Itajana semana toda se ocupou do caso: brutal assassinato; violência aumenta; sociedade mobiliza-se; movimento anti-violência; polícia tem poucas pistas... A seguradora indenizou em dobro (morte não natural), um montante alto; também vieram pensão do governo e aposentadoria privada. Ana Luisa foi à Disneylândia. Júnior saiu da Clínica, disse que, em memória do pai, abandonava de vez as drogas. Cristiane voltou a ser cliente do salão da Márcia.

Na saleta ao lado do seu quarto, abriu o cofre, viu as jóias da Cristiane, será que alguma hora teriam que se desfazer delas por comida? perguntou-se aflito. Pegou sua apólice do seguro de vida, conseguira até agora pagar o prêmio, mas iria ter que parar...

Marie Rennotte (1852-1942)

A MENSAGEIRA 141

Quem temer esta, outra estranha
 brilhante em duplo fulgor,
 e em tremores, lançar pelas
 águas do mar, o corpo de suor

Almas para o céu, hermas,
 para o inferno viajar...
 (O que tornamos não de nós,
 alma e terra, alma e mar)

Com um rosto sem expressão,
 que se via, sulfuroso, amarelado:
 — disse sobre o místico estado,
 disse sobre — o espírito

Quem sobre — não ter coragem
 de a não tirar de seu lado,
 e prosseguir longo e longo,
 com um suor, com um olhar...

Quem sobre — Que o seu estado
 se tornou caso de estudo
 em uma palestra — sobre estado,
 alma e terra, alma e mar)

CARLOS DE CASTALAN

**A mulher é uma
 força activa na sociedade**

Hoje, que a instrução principia
 a espalhar-se mais geralmente, que
 se fazem estudos mais profundos;
 que o espírito — este agente activo,
 de occupa-se tanto da sciencia, mo-

vimento e das forças que o produzem, o homem ainda, devido à razão que não se explica, desconfia de uma força que elle tem sob a sua mão — esta força é a mulher.

Se na linguagem da mecânica definamos «a força» a causa que determina o movimento ou as suas modificações, podemos dizer que a mulher é o agente que impelle a uma geração ou movimento em tendencias para o bem ou para o mal. Debaixo da acção continua de sua mão a criação segue naturalmente a direcção que ella lhe traça ou impõe, e necessariamente o filho move-se na direcção da força unica á qual elle está submettido.

Quando eu digo: o corpo submettido á uma força taizem move-se na direcção desta força, não pretendo negar a acção do pai sem excul-o ou dispenso-o do dever de cuidar da educação de seus filhos, não, mas sim, mencionar este facto quasi geral que, ao pai incumbido a tarefa de subministrar as necessidades da familia, não lhe é possível, muitas vezes, por causa de ausencia forçada ou outras razões, ter constantemente seus filhos debaixo de seus olhos; portanto é sobre a mãe que recai este dever.

Conseqüentemente é ella que dirige, que implanta, imprime as primeiras impressões, os primeiros sentimentos no coração dos filhos.

142 A MENSAGEIRA

Queremos que esta acção que elle opera sobre os jovens crescentes seja proveitosa, útil á humanidade? Devemos trabalhar para que o espirito da mulher seja esclarecido; para que sua intelligencia seja cultivada, assim de que ella saiba distinguir o bem do mal, o falso do justo, a verdade da mentira e da superstição; assim de que elle seja capaz de formar o caracter de seus filhos valendo, acompanhando os seus pensamentos para o bello, o bom e o real; é necessario ensinar á mulher o pó do vida que é a instrução baseada sobre o fundamento de uma moral sã. Com esta arma que vemos sem espalhar sangue, que conquista sem deprimir ou humilhar, a mulher torna-se forte, e é então que se pode dizer com Lagrange:

«O fememal c'est á torti que'on vous donne la main»

A' la voix de vous étrez vous êtes instruides.»

— Se a intellégencia de uma força se aprecia comparando os referidos á á uma outra força de igual natureza tomada por unidade pode-se facilmente avaliar a superioridade da mulher educada (no verdadeiro sentido) sobre a ignorante, considerada o que pode, em uma casa, a preséncia da mulher, para sustenta-la, para não fazer nascer ou manter o confus-

tovel, e bom estar, para no ter fazer reinar a paz, a harmonia, a união.

Justo é pois, chamar força activa ou motiva (e os assim possam exprimir) a mulher instruida, aquelle que actua no sentido do movimento ou adiantamento, contribuindo total ou parcialmente na acceleração ou produção deste movimento, e força de resistencia ou ignorante aquelle que actua do sentido contrario; isto, é distincto e exigente o movimento ou progresso.

Instruindo a mulher, o homem acha nella não somente uma companheira, mais ainda, um auxilio; não unicamente uma mãe para seus filhos, mas sim, uma verdadeira mãe, capaz, no caso de morte do chefe, de defender os interesses da familia e de honrar os orphãos. De cultura do espirito da mulher resultará que, entre os seus filhos e os do marido haverá afinidade e desta combinação os unidos do espirito, surgirá a força; a força resultante de dois agentes ou componentes que não neutralisam seus esforços, mas sim acceleram o movimento, a marcha do progresso.

M. Rennotte.

apontar o lugar de inserção da doutora Rennotte na complexa trama pedagógico-científica do Brasil daquela virada de século.

O evento encerrou-se com a inauguração da exposição iconográfica em que foram exibidos documentos originais que integram o acervo do Instituto Histórico — exposição em que se fez o acréscimo de material suficiente para concretizar a presença de três outras personalidades femininas que se encarregaram de trazer até os nossos tempos os ideais da doutora Rennotte: a professora norte-americana Mary Ellis McIntyre (c. 1860-1928), aluna do Colégio Piracicabano no início dos anos 1880; a filha desta, a benemerita Pérola Byington (nascida Pérola Ellis McIntyre, 1879-1963) e a médica Carlota Pereira de Queiroz (1892-1982), que em 1933 se tornaria a primeira deputada federal da América Latina.

Lembrando que a referida tese de Maria Thereza Caiuby trazia o interrogativo título "Mulheres de Ontem?", caberia fazer eco a essa pergunta e indagar: a missão pioneira da doutora Rennotte esgotou-se em seu tempo ou permanece atual? Se atentarmos para as dificuldades ainda hoje vividas pela população do Brasil em geral e pela parcela feminina dessa população, em especial, a resposta parece óbvia: não se esgotou, nem foi solucionada a complexa problemática que envolve questões graves no âmbito da condição feminina ou da situação da mulher como profissional. O exemplo de Marie Rennotte permanece atual não apenas como modelo de congruência nos planos indivisíveis da teoria e da prática, mas principalmente como atuação modelar de uma médica-pedagoga que jamais encampou a esdrúxula dissociação entre o consultório médico e a sociedade que o circunda, algo que hoje ameaça transformar o profissional de saúde em mercenário alienado.

Às vésperas do momento em que comemoraremos o sesquicentenário do nascimento de Françoise Marie Rennotte, é preciso releer a mensagem que nos foi remetida do passado por essa gigantesca figura de mulher.

(*) João Bosco Assis De Luca
 Médico psiquiatra, graduado e especializado pela Unicamp.
 Ex-professor do Colégio Culto à Ciência e ex-conselheiro do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. Membro da Associação Nacional de História e da União Brasileira de Escritores.

marcas de sua atuação ecoam nas páginas da revista "A Mensageira", dirigida por Prisciliana Duarte de Almeida (1867-1944) — que, na redação do noticiário dos números 1 e 25 (respectivamente de 15/10/1897 e 15/02/1899), torna patente a admiração angariada pela médica junto à população paulistana. O nº 9 dessa mesma revista (de 15/02/1898) trazia ainda um pequeno ensaio, "A Mulher é uma Força Ativa na Sociedade", no qual Rennotte argumentava no sentido de mostrar a absurda negligência com que se deixava de aproveitar, na organização social da época, a capacidade intelectual feminina, sem cuja participação seria impossível a construção de uma sociedade equilibrada e sadia. O significado dessa contribuição no contexto maior da intelectualidade feminina brasileira da época é assunto estudado pela socióloga Leonora De Luca em sua dissertação de mestrado "A Mensageira: Uma Revista de Mulheres Escritoras na Modernização Brasileira" (Unicamp, 1999).

Lembrando que as mulheres oitocentistas davam à luz de acordo com sua posição social (sendo atendidas em casa por médicos ou parteiras, quando podiam pagar pelos serviços desses profissionais, ou internando-se em enfermarias, quando pobres), não é difícil entender o modo pelo qual o atendimento domiciliar teria proporcionado os recursos financeiros que permitiram à Rennotte exercer com largueza a generosidade que foi uma de suas características mais marcantes.

Assim, ao reconhecimento popular viria somar-se o reconhecimento da comunidade científica paulista, o ingresso da médica no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 1901, vindo coroar suas intervenções públicas: apresentada pelos titulares Orville Derby, Dinamérico Rangel e Eduardo Prado em sessão do dia 5 de março, Marie Rennotte é empossada em 04/05/1901, tornando-se a primeira mulher a ser admitida nessa academia.

Realizada, portanto, no dia exato em que se comemorava o centenário da posse de sua associada, a cerimônia do Instituto Histórico e Geográfico datada de 04/05/2001 incluiu uma sequência de conferências abordando diferentes facetas da carreira da homenageada: a acadêmica Nelly Martins Ferreira Candeias encarregou-se da primeira delas, traçando as linhas biográficas gerais que permitiram o detalhamento efetuado pelas professoras Maria Lúcia Spedo Hilsdorf e Maria Lúcia de Barros Mott — que forneceram, a seguir, aspectos mais específicos da "Marie Rennotte Educadora" e da "Marie Rennotte Médica". Especialista em História da Educação, a doutora Hilsdorf pôde situar a fundação do Colégio Piracicabano no contexto cultural da imigração norte-americana para a região hoje ocupada pelas cidades paulistas de Americana, Santa Bárbara d'Oeste, Limeira e Piracicaba; recapitulando a conquista de espaços profissionais mais amplos pelas mulheres do final do século XIX, Barros Mott encarregou-se de

Valor da Saúde

Marisa Campos Moraes Amato

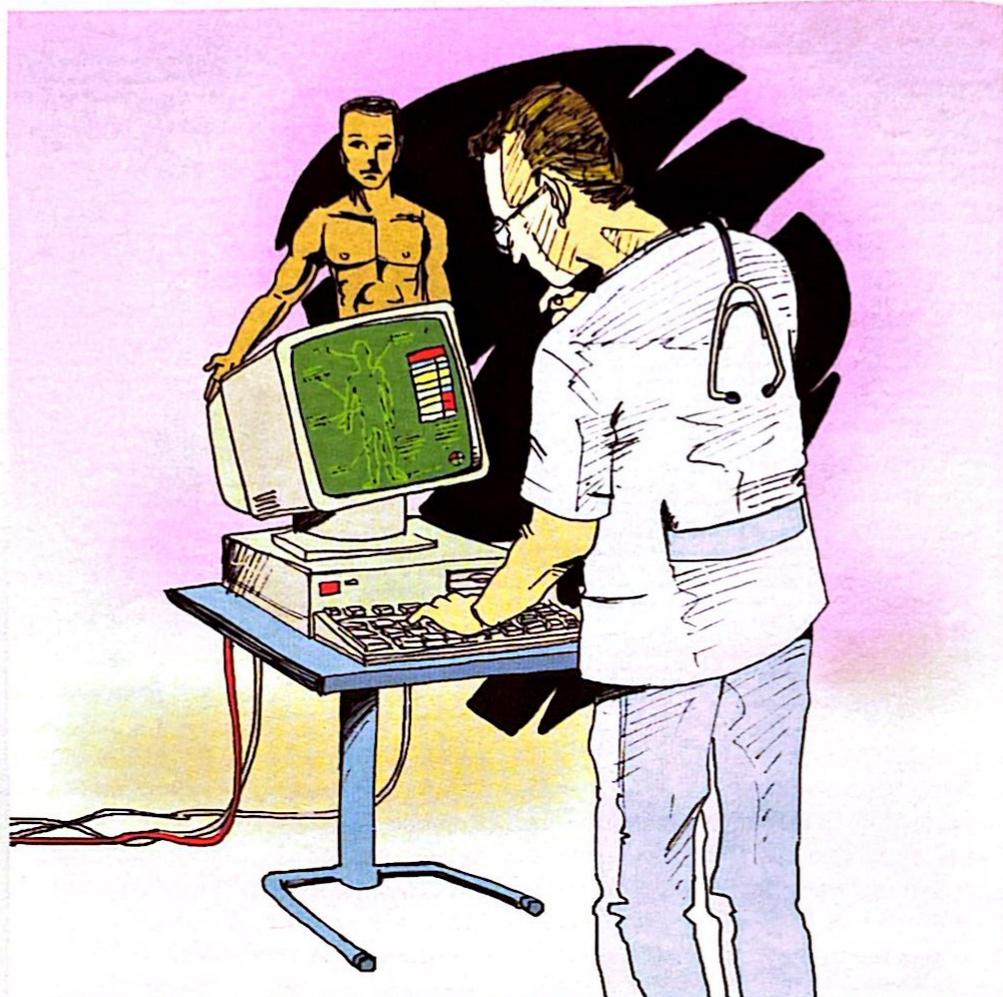
Saúde não é apenas ausência de doença, é muito mais, é o bem-estar completo.

As transformações sociais do mundo moderno têm alterado o juízo de valores. Conceitos como os de êxito na vida e de conforto são evidências dessa assertiva. A propaganda enganosa mostra vantagens de certos cigarros que, pela alta tecnologia de sua fabricação, cortam pela metade seus "confessos malefícios"; outras iludem sugerindo seu uso vinculado às vitórias e grandes conquistas. O estímulo em se adotar a "lei do mínimo esforço" confunde o que seja conforto. Para corroborar esse fato estão o elevador, a escada rolante, o automóvel e o controle remoto, o computador e a internet levando o homem à paralisção física.

Tal situação atribui ao médico mais uma tarefa, a de divulgar o "valor da saúde"; lembrado apenas quando chega a doença. Todos precisam saber, com clareza, o funcionamento de seu organismo para entender onde e como evitar certas doenças para, assim, preservar sua saúde e garantir a qualidade de vida.

Para que o homem de hoje possa usufruir todos os benefícios do desenvolvimento tecnológico, ele deve se conscientizar das conseqüências indesejáveis do estilo de vida moderno e empenhar-se em mudar seus hábitos enquanto é tempo. Por exemplo, o cigarro é uma questão de força de vontade. A vida sedentária muitas vezes é exigida pelo trabalho, entretanto pode ser compensada com algumas horas de atividade física programada. A alimentação muitas vezes não pode ser a ideal em todas as refeições mas, com certeza, pode ser compensada em outras oportunidades do dia.

O inimaginável torna-se realidade a cada momento. A ciência está oferecendo possibilidades inesgotáveis de diagnósticos bioquímicos e imunológicos, com maior sensibilidade, precisão, especificidade e rapidez; por outro lado, gerações avançadas de aparelhos conseguem visualizar alterações



ainda em fase assintomática e estruturas até então ocultas.

Ao arsenal médico uma inovação é integrada a cada dia. A conquista tecnológica tem trazido aperfeiçoamento nos aparelhos, mas com o ônus da rápida obsolescência. A grande modernidade agora é o próprio aparelho ter a possibilidade de incorporar imediatamente a descoberta de ontem, pelo simples acoplamento de um software, trazendo, para o doente, a conquista em tempo real. Assim, a tecnologia de hoje propicia diagnósticos precoces, numa fase ainda assintomática, em que se pode modificar a evolução da doença.

A ecodopplercardiografia fetal realizada na gestação, é um exemplo que, hoje em dia, tem salvado muitas vidas. A visualização de placas de ateromas no interior de uma artéria também é outro exemplo.

O conhecimento científico de que dispomos na atualidade não nos per-

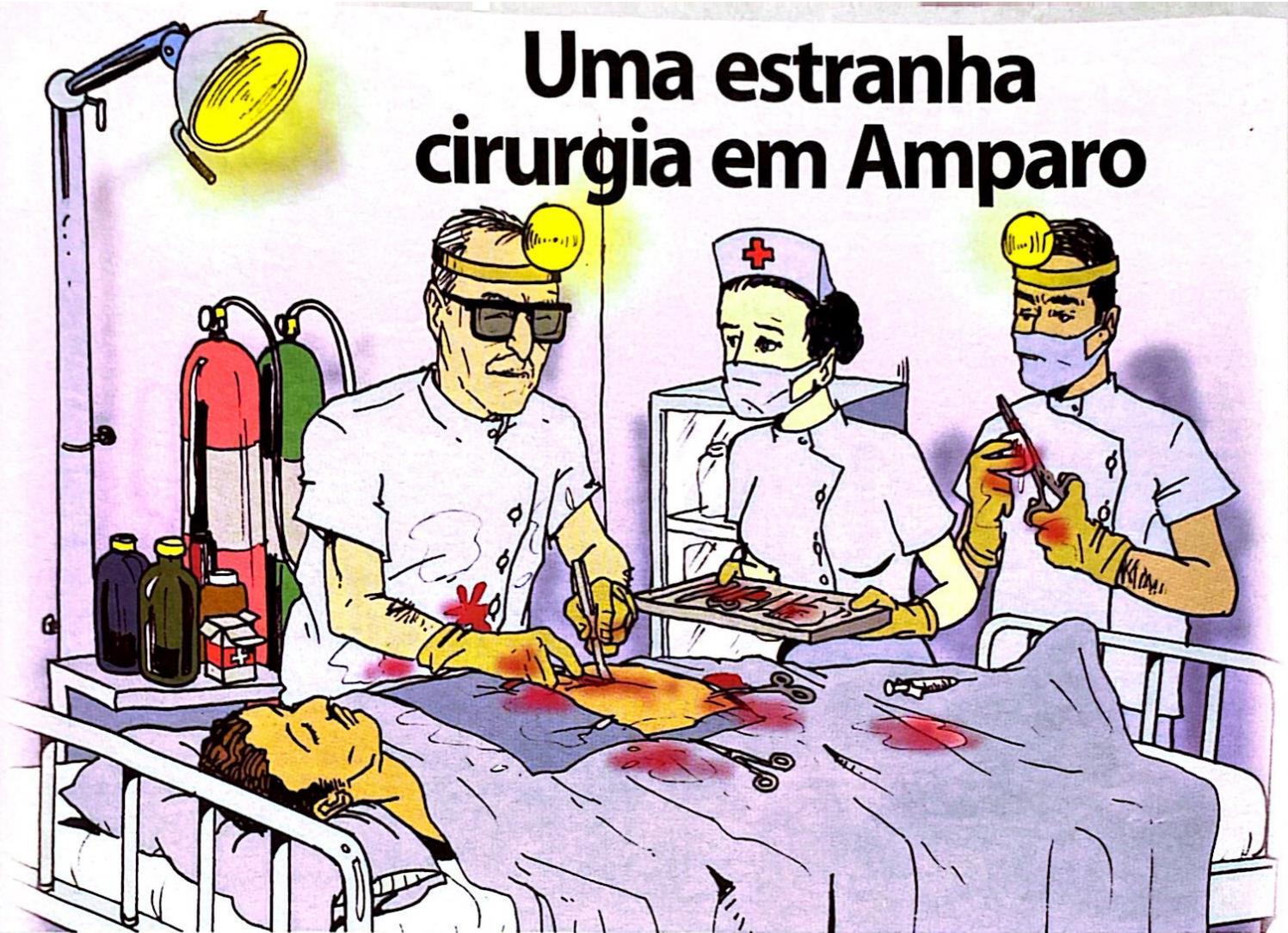
mite deixar que moléstias que podem ser totalmente evitadas com diagnósticos precoces, ocorram.

Todas as possibilidades advindas de tanto progresso vão nos levar a condições especiais de diagnóstico, cada vez mais precoces, levando a saúde no futuro a ser marcada pelo procedimentos de prevenção. Não mais será admissível aceitar a evolução natural de uma doença que poderia ter sido evitada antes de causar danos maiores e irreversíveis ao organismo; prejudicando a qualidade de vida.

A tecnologia está a nosso alcance e, se bem indicada, realmente pode oferecer hoje o que ontem seria milagre!

Marisa Campos Moraes Amato
Livre Docente de Cardiologia da
Faculdade de Medicina da USP
Presidente da Academia
de Medicina de São Paulo
no biênio 1998-1999

Uma estranha cirurgia em Amparo



Fábio Leite Vichi

Amparo é uma pequena, mas bela cidade. Encalacrada na Mantiqueira tem visual de muitos encantos. Seus habitantes são orgulhosos da urbe. No início da década de 60 a cidade exibia dois hospitais. Um deles, o mais ativo e procurado foi inaugurado em 1890. Como os hospitais da época era gerido por irmãs de caridades e atendia muitos indigentes de toda região. Os médicos eram humanitários e prestativos. A história era distante da futura era dos convênios. Dos dois hospitais, um deles era maior e mais ativo. Suas enfermarias eram, quase sempre coletivas e separadas por sexo e pelas grandes clínicas. Tudo era dimensionado segundo a demanda e as possibilidades da sociedade civil e médica.

O centro cirúrgico era de acordo com as necessidades. As operações realizadas eram de pequenos portes mas seguindo todos os rigorismo destes atos. Em 1961, ocorreu uma cirurgia que por muitas circunstâncias, foi inusitada. O nosocômio albergava um único cirurgião, já na época uma pessoa decantada e ilustre na cidade. Trazia consigo tradições familiares, desde que seu pai, fora também médico e cirurgião como ele e que le-

gara um notável nome para a cidade. O médico em questão era paulistano de nascimento, tendo vindo ao mundo num dos anos finais do século XIX. Graduara-se médico pela Faculdade Nacional de Medicina na turma de 1921. Após sua formatura radicou-se em Amparo e sucedeu ao pai em proezas cirúrgicas, após seu falecimento em 1941. Entre as muitas lendas contadas a seu respeito, havia a de que ostentava a maior qualidade de um cirurgião – dar certo.

Certa tarde de fevereiro de 1961, foi solicitado a dirigir-se para o hospital para atender a uma urgência. Deparou-se com um homem esfaqueado no abdome e em pré-choque. Tomou as providências exigidas pelo caso, decidiu-se por uma conduta cirúrgica sem delongas e ele mesmo aplicou a anestesia, injetando substância na veia do ferido.

Em continuação, paramentou-se e juntamente com o filho, cirurgião como ele, dirigiu-se para a sala, em cuja mesa operatória dormia o doente. Ao abrir a caixa contendo todo o instrumental, enfrentou uma grande surpresa. Todo instrumental estava sujo, como quando do término da cirurgia da vez passada. Tinha ocorrido um enorme esquecimento. Nada tinha sido limpo e tudo esta-

va contaminado.

Os momentos que se seguiram foram de perplexidades e de um quase temor. O operador e comandante da intervenção, calmo após a recuperação do susto e sentindo a impossibilidade de condutas alternativas, preparou-se dominou a situação como sempre era de seu feitio. Usando gazes retirou as sujeiras grosseiras. Comentou irado, mas esbanjando experiências que nunca aconteceu algo semelhante com ele e nunca ouvira relato de uma ocorrência idêntica.

Realizou a cirurgia com decisão e segurança de sempre. Encontrou a cavidade abdominal tomada de sangue, sucos digestivos e material fecal. Não demonstrou durante todo o ato que a ausência de assepsia do instrumental, não fora um grande fator impeditivo. O término da operação, foi acompanhado de chacotas. O pós-operatório foi dos melhores possível e em algum tempo o paciente recebeu alta.

A estranha e tumultuada cirurgia, realizada naquela tarde de fevereiro de 1961, aumentou ainda mais a reputação do cirurgião que a realizou – Dr. Carlos Burgos, até hoje um nome consagrado na cidade de Amparo e reverenciado pelas elites médicas do Estado de São Paulo.

Lembrança de Jorge Amado

M.I. Rollemberg

Estava na faculdade de medicina, quando caiu-me às mãos Gabriela, Cravo e Canela. Era o grande sucesso literário do momento. Li de cabo a rabo, de uma sentada. Aquilo foi como uma porta aberta aos livros de Jorge Amado, voltando no tempo e apreciando todas suas fases anteriores. Depois não perdi mais nenhum lançamento, conseguindo reconhecer vários dos lugares descritos. O máximo ocorreu com "Tenda dos Milagres". Estivera na Baía atendendo a um convite do prof. José Silveira para algumas palestras sobre cirurgia da Tuberculose. Certa noite fomos jantar em um restaurante típico na orla, chamado "Galo Vermelho". Um cantor ao fundo entoava com grande semelhança a voz inigualável de Dorival Caymmi. Contou-nos o Silveira que naqueles dias Jorge havia acabado um novo livro. Internara-se como de costume, na casa de um amigo para escrevê-lo. Desta vez fora a casa de Genaro de Carvalho, o famoso tapetista. Coincidentemente havíamos visitado todos aqueles lugares e ouvido as várias estórias. Fora como se estivéssemos revivendo todos aqueles momentos, como uma testemunha privilegiada. Tempos depois soubemos ser este um de seus romances prediletos, onde de maneira profunda fazia uma análise da alma humana.

Anos depois estávamos em Santiago de Compostela e fomos em *petit comité* celebrar um aniversário no mais famoso pador de Espanha: o Hostal de los Reyes. Estávamos a admirar aquele magnífico restaurante em um estabelecimento que estava mais para museu, quando cruzamos o olhar com o casal Jorge Amado – Zélia Gattai, sentados algumas mesas adiante. Foi uma festa, onde uns se apresentaram aos outros. A certa altura perguntou nosso itinerário. Ao citarmos Paris, fez questão de saber o endereço de nosso hotel, bem como o dia da chegada, fornecendo ali mesmo seu endereço e telefone às margens do Sena.

Chegamos em torno do meio-dia.



Deixamos as malas no hotel e saímos. O almoço com alguns amigos estendeu-se até o fim da tarde e em resumo, chegamos tarde ao hotel. Qual não foi nosso espanto ao encontrarmos um pacote com quatro livros, dois de Jorge e dois de Zélia, oferecidos cordialmente aos dois casais, com dedicatórias primorosas. Pelo horário, julgamos melhor telefonar no dia seguinte. Já estávamos no café da manhã quando vieram nos chamar ao telefone. Era Jorge reclamando, pois estava esperando nossa chamada. Pedimos desculpas, pois estávamos temerosos em ligar tão cedo. Mal sabíamos que era um madrugador. Já naquela época lutava com seus problemas de visão, o que impediu-nos visitá-lo no quai des Celestins.

Na véspera de nosso retorno, ao nos despedirmos, soubemos que na falta dos livros fora a uma livraria para comprá-los e nos oferecer. Surpresos com tal gentileza e profundamente agradeci-

dos, guardamos eternecidamente estas lembranças. Imagine-se o grande escritor e a grande escritora prestando uma homenagem de tal porte a simples e modestos admiradores de suas obras.

Hoje a triste notícia, de alguém que permanecerá em nossas lembranças de forma imorredoura.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto: Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:

Duílio Crispim Farina (presidente); Carlos Alberto Salvatore, Antônio Valdemar Tosi, Marisa Campos M. Amato, João Marques Teixeira

Cinematca: Wilmer Botura Júnior

Pinacoteca: Aldir Mendes de Souza

Museu da História da Medicina: Jorge Michalany